

SERRA-PILAR

16 julho 2017 | ano 43 | Tempo Comum 15 | 2019

**«O que temos de mais genuíno
é sempre o que de melhor podemos oferecer»**

2017

ANO INTERNACIONAL DO TURISMO SUSTENTÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO



turismo sustentável

www.serradopilar.com

Por determinação da *Organização das Nações Unidas*, o ano de 2017 foi declarado **Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento**. Pretendendo esta organização mundial que a sustentabilidade do turismo assente em três pilares fundamentais: económico, social e ambiental[1].

Contribuindo, ainda, para um desenvolvimento harmónico, através da promoção de uma melhor compreensão entre os povos de todo o mundo; bem como conduzindo à consciencialização sobre a diversidade e riqueza patrimonial das diversas civilizações.[2]

Assim, este ano tem-se constituído como uma singular oportunidade para uma larga reflexão sobre o turismo e a definição de princípios orientadores que o promovam nas suas diversas componentes, que não apenas a económica, área da atividade humana onde habitualmente se insere.

Como múltiplas vezes temos afirmado, no âmbito das reflexões da Pastoral do Turismo, fundamentados nalguns autores, o turismo tem de entender-se efetivamente como uma realidade «multidimensional»[3] – económica, geográfica, legal, sociológica, ecológica, antropológica e espiritual. Só assim, com esta visão global, ele pode compreender, com efeito, tais pilares para a sustentabilidade e para o desenvolvimento humano.

De entre os múltiplos aspetos que poderíamos considerar, partindo dos princípios enunciados pela Nações Unidas, sublinhamos quatro aspetos que nos parecem cruciais para a conceção de um turismo sustentável e que favorecem um autêntico desenvolvimento: uma nova conceção económica, mais solidária; a valorização e promoção social e cultural de cada comunidade de acolhimento; um autêntico diálogo humano, mais fraterno; e o respeito pelo meio ambiente, associado ao incremento de um turismo ecológico.

Enquanto atividade económica, beneficiando as empresas que lhe estão diretamente ligadas, o turismo deve contribuir também para o desenvolvimento das demais áreas da economia que, direta ou indiretamente, lhe estão associadas: comércio, artesanato, agricultura, pecuária, entre muitas outras. Valorizando algumas produções locais, como se faz já hoje, a título de exemplo, no enoturismo e no turismo rural. Por outro lado, os agentes de turismo devem sentir-se corresponsáveis pelo reinvestimento local de alguns proveitos económicos, nomeadamente no que respeita a infraestruturas que possam servir a todos, beneficiando as suas atividades próprias e as comunidades locais em que se inserem, numa autêntica corresponsabilidade social.

Elemento determinante para um turismo sustentável é igualmente o respeito, valorização e promoção de cada cultura local, nos seus valores materiais e imateriais. Num tempo marcado pela globalização e conseqüente tendência de homogeneização cultural, cada comunidade deve preservar a sua identidade própria, propondo-a a todos os visitantes, que a hão de acolher, valorizar e promover. Aliás, este é um dos aspetos mais sensíveis para o turismo: ele será tanto mais rico, quanto mais oferecer essa diversidade cultural, acolhida em autêntico respeito e diálogo na diversidade de modos de ser e de se expressar, na inter-relação dos povos e comunidades. Entre nós, há que relevar marcas identitárias presentes nas nossas tradições, bem como o património cultural, que urge preservar, como ativos sociais de valorização comunitária e de promoção da atividade turística.

Intimamente ligado a este diálogo cultural, que pressupõe o conhecimento e aceitação incondicional dos outros, nessa sua identidade e expressão, urge revalorizar continuamente o diálogo fraterno entre pessoas e povos. O turismo, neste sentido, pode ser uma autêntica indústria de paz, pois colocando povos e culturas em relação dialógica, contribui para um respeito e acolhimento mútuo, capaz de conduzir a uma nova vivência de harmonia e de paz entre todos. Neste sentido, atente-se às novas formas de turismo, de quem já não passa apenas para visitar, mas opta por permanecer numa comunidade de acolhimento por um tempo mais alargado, em espaços de nova convivência que enriquece quem acolhe e quem é acolhido.

Por último, mas de igual importância, o turismo tem de ser, atualmente, uma atividade promotora de sustentabilidade ecológica, conduzindo ao respeito pelo meio ambiente e realizando-se através de novas formas de compromisso ecológico, seja no tratamento de resíduos; no reaproveitamento de materiais, com recurso à reciclagem; na gestão da água; na utilização de fontes energéticas mais limpas; entre tantas outras possibilidades que a tecnologia hoje nos permite utilizar a favor do ambiente. Esta responsabilidade é tão mais importante quanto a preservação do meio ambiente é essencial para o desenvolvimento da atividade turística. Isto é, a ecologia não é apenas um dever para o turismo; é igualmente uma condição necessária para a sua realização.

Se todos estes princípios se aplicam à generalidade dos espaços turísticos, devemos assumi-los entre nós, como desígnio nacional, quando o fenómeno turístico cresce em Portugal, contribuindo significativamente para o desenvolvimento económico, mas dando igualmente um novo rosto a muitas das nossas realidades sociais, culturais e ambientais. O que temos de mais genuíno é sempre o que de melhor podemos oferecer, seja do ponto de vista social, cultural ou ambiental. Que também entre nós o turismo seja realmente sustentável e promotor de um autêntico desenvolvimento humano.

Precisamente com esta preocupação, de refletir aprofundadamente a temática do *Turismo e sustentabilidade*, vai a Obra Nacional da Pastoral do Turismo realizar, no último trimestre deste ano, em parceria com o Serviço Diocesano da Pastoral do Turismo de Bragança-Miranda, as suas III^{as} Jornadas Nacionais de Pastoral do Turismo, cujo tema geral será precisamente: *Turismo e Sustentabilidade – Economia, Sociedade e Ambiente*. Estas Jornadas decorrerão em Bragança, nos dias 27 e 28 de Outubro de 2017.

[...].

Lisboa, 30 de Junho de 2017

Pe. Carlos Alberto da Graça Godinho. Diretor da *Obra Nacional da Pastoral do Turismo*

[1] Cf. ONU declara 2017 o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.nacoesunidas.org>

[2] Cf. *Ibidem*.

[3] Cf. PEREIRO PÉREZ, Xerardo – *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Tenerife: PASOS – Revista de Turismo e Património Cultural, 2009, p. 4. Cf. HAMAQ, Card. Stephen Fumio – Presentazioni. In CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES – *People on the Move*, nº 96 (Dezembro de 2004).



Da ecologia exterior à ecoespiritualidade

O primeiro passo para uma ecoespiritualidade é refundar a nossa representação do Cosmos, restituindo-lhe a sua dimensão de mistério.duradoura.

(Michel Maxime Egger)

Felizmente vai-se afirmando, nas esferas nacionais e supranacionais, a consciência da necessidade e da urgência de aprofundar e pôr em prática princípios e normas que promovam uma relação sustentável da Humanidade com o Planeta, “a nossa casa comum”, na expressão carregada de emoção e afecto de que fala o Papa Francisco. Ainda que travado por interesses menos respeitáveis, vai progredindo o reconhecimento de que a Terra é sujeito de direitos e de que a sustentabilidade da Vida é um valor primordial a preservar.

Importa, porém, ir mais além.

Esta temática, ainda que devendo estar presente em diferentes regiões do Globo e espaços sócio-culturais distintos, tem redobrada actualidade no mundo ocidental de que fazemos parte.

Em primeiro lugar, devido ao nível de progresso económico alcançado e ao estilo de vida predominante nas nossas sociedades, o qual não favorece, antes esfuma, o contacto próximo e a comunhão com a natureza. Acresce que tal estilo de vida incentiva o consumismo desenfreado e a avidez do mais ter com o correspondente efeito predador sobre os recursos naturais; convive bem com o esbanjamento, o descartável e o desperdício; alimenta o desejo ao ter mais, mesmo que, para tanto, se tenha de renunciar a mais ser; esquece a dimensão relacional de cada ser humano, os limites da liberdade individual, o dever da responsabilidade e do cuidado pelo todo; ignora e menospreza a ética na condução dos negócios privados e na esfera pública.

Por outro lado, o sistema económico cada vez mais globalizado - assente na maximização do lucro, na competitividade agressiva e na aceleração permanente do crescimento económico - não só não garante a satisfação de necessidades básicas de largos estratos de população como gera desigualdades gritantes que, por sua vez, põem em risco a democracia e a coesão social e tem-se revelado ecologicamente insustentável.

A este propósito são oportunas as palavras de Michel Maxime Egger, no seu livro *La terre comme soi-même*:

Contrariamente àquilo que muitos nos querem fazer crer, nós não sairemos desta crise unicamente através de reformas político-económicas, cartas éticas, avanços tecnológicos e ecogestos no quotidiano. Por mais necessário que tudo isso seja, a ecologia exterior não basta, tem de ser completada por uma ecologia interior: uma ecoespiritualidade. Isto implica uma mudança de paradigma, a passagem de uma relação exterior a uma relação de comunhão com o Cosmos. A chave dessa passagem consiste numa metanoia pessoal que religue a transformação de si e a transformação do mundo, para, ao mesmo tempo, libertar o nosso ser e reencantar a natureza, descobrindo a sua dimensão sagrada.

O mesmo Autor, em outra passagem, reforça esta ideia:

(...) tendo um importante carácter colectivo e estrutural, a crise ecológica é igualmente pessoal. Tem a ver com as visões, estratégias e práticas dos grandes actores políticos e económicos, mas, também, com a nossa vida interior: o que fazemos do nosso ego, das nossas paixões e dos nossos desejos, o nível de profundidade ou de superficialidade em que vivemos e respiramos, a maneira, de consumo ou de comunhão, com que nos religamos à Natureza, aos outros e ao Totalmente Outro, qualquer que seja o nome que lhe damos segundo a nossa fé e a nossa cultura.

Publico este escrito em vésperas de um tempo que, para muitas pessoas do hemisfério norte, permite alternância em relação ao seu trabalho profissional, aos seus espaços de residência habitual e às suas rotinas quotidianas, por conseguinte com liberdade acrescida para dispor de tempo para pensar, conviver, criar, contemplar. É assim, no nosso País.

Deixo, por isso, o desafio de que levem, na vossa bagagem de férias, o propósito de uma revisão em profundidade da vossa relação com a Terra, *a nossa casa comum*, sem esquecer que isso implica uma generosa abertura ao mistério, ao silêncio, à contemplação e também disponibilidade de coração para consentir nas mudanças que se impõem no que respeita à visão que temos da Criação e ao modo como nos comportamos no Planeta em que habitamos.

Nos próximos meses de verão, no espaço de Betânia, procuraremos animar uma reflexão em redor do tema “*Amar a Terra como a si mesmo*”. Queremos, assim, contribuir para tornar desejada, possível e operativa uma ecoespiritualidade que esteja à altura dos desafios deste primeiro quartel do século XXI.

Imagem: Anamorfismo - graffiti 3D. Sérgio Odeith. Lisboa. 2014

Manuela Silva. Economista

<https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=wm#inbox/15d078dc36526cd3> (Julho - Agosto 2017)

as Férias segundo Ratzinger (Bento XVI)



A agitação de qualquer espécie, mesmo a agitação religiosa não condiz com a visão do homem do Novo Testamento. Sempre que pensamos que somos insubstituíveis; sempre que pensamos que o mundo e a Igreja dependem do nosso fazer, sobrestimamo-nos. Ser capaz de parar é um ato de autêntica humildade e de honradez criativa; reconhecer os nossos limites; dar espaço para respirar e para descansar como é próprio da criatura humana.

TEMPO DE FÉRIAS. Poder descansar

Os discípulos colocaram a Jesus o problema do stress e do descanso. Os discípulos regressavam da primeira missão, muito entusiasmados com a experiência e com os resultados obtidos. Não paravam de falar sobre os êxitos conseguidos. Com efeito, o movimento era tanto que nem tinham tempo para comer, com muitas pessoas à sua volta. Talvez esperassem ouvir algum elogio por tanto zelo apostólico. Mas Jesus, em vez disso, convida-os a um lugar deserto, para estarem a sós e descansarem um pouco. Creio que nos faz bem observar neste acontecimento a humanidade de Jesus. A sua ação não dizia só palavras de grandeza sublime, nem se afadigava ininterruptamente por atender todos os que vinham ao seu encontro. Consigo imaginar o seu rosto ao pronunciar estas palavras. Enquanto os apóstolos se esforçavam cheios de coragem e importância que até se esqueciam de comer, Jesus tira-os das nuvens. Venham descansar! Sente-se um humor silencioso, uma ironia amigável, com que Jesus os traz para

terra firme. Justamente nesta humanidade de Jesus torna-se visível a divindade, torna-se perceptível como Deus é.

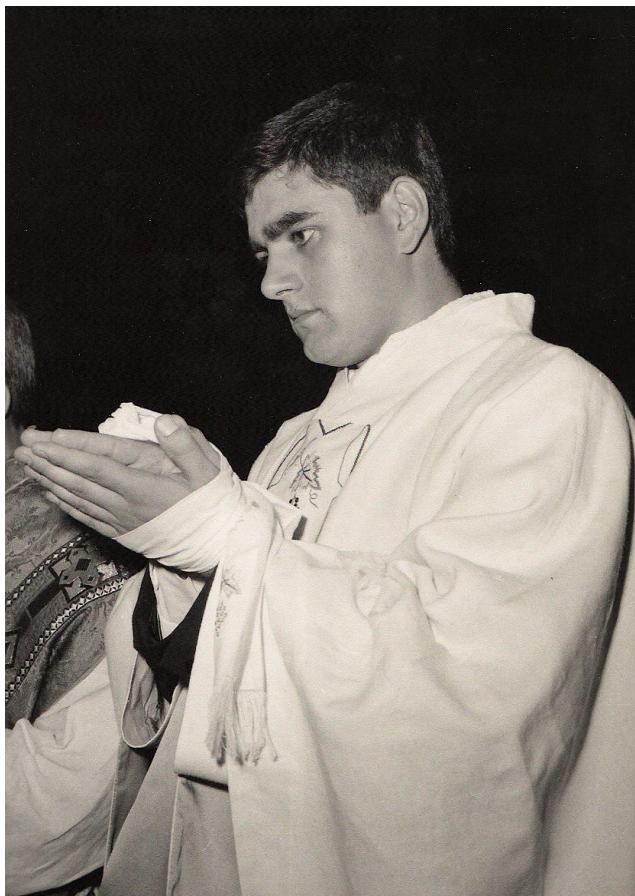
A agitação de qualquer espécie, mesmo a agitação religiosa não condiz com a visão do homem do Novo Testamento. Sempre que pensamos que somos insubstituíveis; sempre que pensamos que o mundo e a Igreja dependem do nosso fazer, sobrestimamo-nos. Ser capaz de parar é um ato de autêntica humildade e de honradez criativa; reconhecer os nossos limites; dar espaço para respirar e para descansar como é próprio da criatura humana. Não desejo tecer louvores à preguiça, mas contribuir para a revisão do catálogo de virtudes, tal como se desenvolveu no mundo ocidental, onde trabalhar parece ser a única atitude digna. Olhar, contemplar, o recolhimento, o silêncio parecem inadmissíveis, ou pelo menos precisam de uma explicação. Assim se atrofiam algumas faculdades essenciais do ser humano. O nosso frenesim à volta dos tempos livres, mostra que é assim. Muitas vezes isso significa apenas uma mudança de palco. Muitos não se sentiriam bem se não se envolvessem de novo num ambiente massificado e agitado, do qual, supostamente, desejavam fugir. Seria bom para nós, que continuamente vivemos num mundo artificial fabricado por nós, deixar tudo isso e procurarmos o contacto com a natureza em estado puro. Desejaria mencionar um pequeno acontecimento que João Paulo II contou durante o retiro que pregou para Paulo VI, quando ainda era Cardeal. Falou duma conversa que teve com um cientista, um extraordinário investigador e um excelente homem, que lhe dizia: "Do ponto de vista da ciência, sou um ateu...". Mas o mesmo homem escrevia-lhe depois: "Cada vez que me encontro com a majestade da natureza, com as montanhas, sinto que Ele existe". Voltamos a afirmar que no mundo artificial fabricado por nós, Deus não aparece. Por isso, temos necessidade de sair da nossa agitação e procurar o ar da criação, para O podermos contactar e nos encontrarmos a nós mesmos.

50

anos de Vida Presbiteral

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha

1967 13 de agosto 2017



**sou presbítero para vós,
sou cristão convosco!**